

*borboleta: símbolo  
de transformação*



# APRENDER E ENSINAR HISTÓRIA SEM LONGE NEM DISTÂNCIA

## Índice

### Metamorfoses...

Elvira Rodrigues e Franklim Silva ..... 3

### Formação contínua e aprendizagens culturalmente significativas: Um olhar marcado pela esperança

Rui Trindade ..... 8

### Comunidade de Aprendentes

Luís Alberto Marques Alves ..... 11

### A História é criativa (e os professores também)

Cláudia Pinto Ribeiro ..... 13

### Construir uma nuvem de palavras ..... 15

*Nuvem de Palavras - 25 abril* ..... 16

*Nuvem de Palavras - Revolução Francesa* ..... 17

*Nuvem de Palavras - A Reforma Protestante* ..... 18

*Nuvem de Palavras - A Ditadura Salazarista* ..... 19

*Nuvem de Palavras - Medicina Tradicional* ..... 20

*Nuvem de Palavras - 3 canções de abril: a revolução (en)cantada* ..... 21

*Nuvem de Palavras - Os Caminhos da Cultura* ..... 22

*Nuvem de Palavras – A Pintura no Estilo Gótico* ..... 23

*Nuvem de Palavras - Os Rumos da Expansão Portuguesa* ..... 24

*Nuvem de Palavras - 25 de abril 1974* ..... 25

*Nuvem de Palavras - Da Revolução Agrícola à Revolução Industrial* ..... 26

*Nuvem de Palavras - Estado Novo* ..... 27

*Nuvem de Palavras - Antigo Regime Europeu* ..... 28

*Nuvem de Palavras - A Grande Depressão e o seu Impacto Social* ..... 29

*Nuvem de Palavras - A Guerra Fria* ..... 30

*Nuvem de Palavras – Descobrimientos* ..... 31

*Nuvem de Palavras - 5 de outubro* ..... 32



<b>Produzir uma banda desenhada .....</b>	<b>33</b>
<i>Banda desenhada - Antiga Grécia.....</i>	<i>34</i>
<i>Banda desenhada – Egito.....</i>	<i>35</i>
<i>Banda desenhada – Anglicanismo .....</i>	<i>36</i>
<i>Banda desenhada – Sociedades Recoletoras.....</i>	<i>37</i>
<i>Banda desenhada - Hitler invade a Polónia.....</i>	<i>38</i>
<i>Banda desenhada - O Estado Novo.....</i>	<i>39</i>
<i>Banda desenhada - das Sociedades Recoletoras às Primeiras Civilizações.....</i>	<i>40</i>
<i>Banda desenhada - Espaço: Atenas: a polis; a planta de Atenas; o mar e o porto .....</i>	<i>41</i>
<i>Banda desenhada .....</i>	<i>43</i>
<i>Banda Desenhada: 25 de abril .....</i>	<i>44</i>
<i>Banda Desenhada: Da 1ª República à Ditadura Militar .....</i>	<i>45</i>
<i>Banda Desenhada: A Independência do Brasil.....</i>	<i>46</i>
<i>Banda Desenhada: A consolidação dos processos de industrialização .....</i>	<i>47</i>
<i>Banda Desenhada: Expansão e Mudança nos séculos XV e XVI.....</i>	<i>48</i>
<i>Banda Desenhada: Aljubarrota.....</i>	<i>49</i>
<i>Banda Desenhada: A Corte no Brasil .....</i>	<i>50</i>
<i>Banda Desenhada: Para que serve a História?.....</i>	<i>51</i>
<b>No olhar dos formandos .....</b>	<b>52</b>
<b>E ainda... um BigPadlet .....</b>	<b>59</b>



# Metamorfoses...

Elvira Rodrigues e Franklim Silva\*



*Disse a flor para o pequeno príncipe.  
É preciso que eu suporte duas ou três larvas se quiser  
conhecer as borboletas.*

*Antoine de Saint-Exupéry*

**A**prender e ensinar História exige que encaremos os desafios desta sociedade globalizada e os transformemos em oportunidades. A partilha de boas práticas, através de espaços de encontro, debate e reflexão, é fundamental. No quotidiano nas nossas escolas, de forma presencial ou virtual, no contexto específico da disciplina, ou de forma inter e transdisciplinar, desenvolvemos experiências de ensino diferentes e enriquecedoras. A sua divulgação e o debate interpares assumem-se como inegável contributo à melhoria das nossas práticas pedagógicas, transformando os desafios em oportunidades, com recurso a metodologias de aprendizagem ativa.

No final do ano letivo 2016/2017, durante uma partilha de boas práticas, a Elvira Rodrigues debruçou-se sobre aquilo que, ao tempo, apelidou de “ensinar e aprender numa escola sem distâncias” ([Rodrigues, Cfae Matosinhos, 2017](#)), destacando a importância de uma educação híbrida com recurso às tecnologias no ato de ensino. Ao tempo apresentou exemplos de metodologias ativas na didática da História com recurso à sala de aula invertida, a partir do “modelo pedagógico 7 E’s” (Okada, 2014) <sup>1</sup>. Desde então acreditamos, e lutamos, pela criação de uma comunidade de práticas alicerçada na reflexão do trabalho pedagógico, capaz de levar o professor a assumir-se como o principal agente que faz acontecer, selecionando o que considera melhor num determinado momento e contexto específicos. Alicerçados na convicção da importância de “Ensinar História para dar um Sentido à Vida” (Alves, 2014), enquanto um “saber âncora” da Humanidade(s) (idem, p. 7), continuamos a perseguir esse objetivo, cientes da importância de uma história viva que permita (des)construir, reconstruir, flexibilizar, com os alunos a assumirem um papel decisivo, enquanto coautores do seu próprio conhecimento, num ato educativo que se assume como um “processo de participação guiada” (Trindade, 2002:49). Uma História que contribua para uma cidadania, em que os afetos, a “zona de desenvolvimento proximal” de que fala Vigotsky (1978) ou o “ato de amor” de Sebastião da Gama (Gama, 1962), a

<sup>1</sup> O Cenário de Aprendizagem “[Investigadores por Umás Horas](#)” realizado por Elvira Rodrigues no âmbito da Europeia é um exemplo do que acabamos de afirmar (Rodrigues, 2019).



transformem em espaços onde o “professor dá uma mão, abre horizontes e aquece o coração” (Ribeiro & Nóbrega, 2016).

O espaço formativo [“C692A-18\\_19 – Cenários de Aprendizagem Inovadores na Didática da História”](#) assumiu-se como um ponto de encontro presencial e virtual privilegiado de desenvolvimento e partilha de práticas na didática da História, passíveis de serem utilizadas tanto pelos colegas do grupo 200, quanto pelos do grupo 400. Foi um espaço de coconstrução de conhecimento aberto e de trabalho colaborativo colegial. Formandos e formadores potenciaram a criação de um grupo/comunidade com características muito singulares: unido, solidário, divertido, simpático, sem receio de novos desafios, e intrinsecamente motivado para pôr em prática tudo que aprendeu. Desafiante, enriquecedor, colaborativo, realizado com *timing* e um profundo espírito de *teaming*, permitiu desenvolver competências digitais e dominar ferramentas fundamentais para inovar a prática pedagógica, maximizando as possibilidades que as Tecnologias de Informação e Comunicação oferecem, com vista a um processo de ensino/aprendizagem cada vez mais ativo e significativo. A este espaço formativo seguiu-se mais uma turma, C.692B-18\_19, e ainda dois novos cursos que decorreram já no presente ano letivo: [“C772. Uma História Ativa: cenários de Aprendizagem Inovadores”](#) e [“C.773. Ensinar e Aprender História: Transformar a História Local em Oportunidade\(s\)”](#).

Foi durante este último espaço formativo, em que a pandemia COVID-19 provocou o encerramento dos estabelecimentos de ensino, que os professores foram “COVIDados a reinventar-se”, com uma “pandemia que veio apenas acelerar uma migração que estava a ser feita a espaços” (Bento, 2020). E este grupo de professores de História (re)inventou-se, em tempos de confinamento, com sessões síncronas e encontros por Google Meet, onde projetos de ensino, estratégias pedagógicas e metodologias E@D foram debatidas e partilhadas... e, de repente, tínhamos tempo (algo tão escasso até 13 de março) para reunirmos, para debatermos, para estarmos... com intencionalidade pedagógica... cientes de que podemos fazer imenso, com pouco e com recursos a coisas e ideias simples. Desses debates emergia a trilogia: amor, entusiasmo e conforto, com a tecnologia suportada em verdadeiras tertúlias mediadas sem longe nem distância em que, parafraseando Mia Couto, nos sujamos com os outros.

E, num processo de metamorfose(s), (re)nasceu esta revista, lançada num encontro que lhe deu corpo e significado(s)... sendo também agora chegado o momento de agradecer a um conjunto de pessoas que se deixaram seduzir pelo nosso entusiasmo, e sem as quais seria impossível levar avante estes projetos.



Ao Jorge Lima, Diretor do CFAE\_Matosinhos, pela oportunidade, paciência e disponibilidade para ouvir os nossos sonhos, ainda antes de se metamorfosearem em ideias, e permitir que trilhem caminhos até se transformarem em borboletas.

Ao Professor Doutor Rui Trindade por acreditar, e aprovar, processos formativos com asas para continuarem a voar e a influenciar mais professores recomeçando ciclos em que a autonomia e flexibilidade curricular associada à intencionalidade pedagógica marcam presença. O seu texto e a sua presença são a prova de que “todas as aprendizagens são pessoais, mas ninguém aprende sozinho” (Trindade & Cosme, 2010).

Ao Professor Doutor Luís Alberto Marques Alves, o Professor, o Mestre e uma incontornável referência no nosso percurso, muito obrigada pelo belíssimo texto e pela partilha numa sessão em que a emoção marca presença. Através dela, muitos de nós renascemos e voltamos ao século XX, às salas da FLUP e recordamos com saudade e especial carinho as suas aulas.

À Professora Doutora Cláudia Pinto Ribeiro, obrigada pelos seus olhares *criativos* traduzidos num texto que nos provoca e convoca à ação reforçada pela sua disponibilidade para partilhar ideias sem longe nem distância.

Às Diretoras Eufrásia Ramos (ESAG) e Isabel Morgado (AEPLégua), que dimensionaram neste espaço formativo uma oportunidade de transformar os sonhos plenos de entusiasmo da Elvira, numa navegação que se adivinhava poder chegar a bom porto.

À Escola Secundária Augusto Gomes, palco das sessões presenciais, na pessoa da sua Diretora, agradecemos ainda todo o apoio na logística, que as viabilizou, e que envolveu a colaboração e disponibilidade da equipa de assistentes operacionais.

Ao colega Pedro Sá, coordenador das TIC da Escola Secundária Augusto Gomes, agradecemos a disponibilidade para o imprescindível apoio técnico na realização da sessão síncrona por Google Meet. Sem ele, e sem os seus conhecimentos e sugestões, tudo seria muito mais difícil; sendo também o seu excepcional desempenho em tal cargo indissociavelmente ligado ao nível de maturidade digital que a Escola ostenta.

Ao Fernando Marques Fernandes, pela criação, conceção e produção do *design* gráfico e que, juntamente com a Helena Vieira, integrou connosco a comissão que coordenou este número da revista e este encontro, o nosso muito obrigada pelo trabalho realizado e pela forma empenhada e solidária como aceitaram este desafio. Em conjunto, demos forma aos 8 C's do planeamento estratégico:



coragem, conhecimento, competência, confiança, comunicação, controle, comprometimento e colaboração.

**A todos os Colegas que frequentaram os vários espaços formativos, e de uma forma muito especial, aqueles que concluíram as três sequências, deixamos um Obrigado recheado de carinho e orgulho pelo trabalho cúmplice e solidário que juntos desenvolvemos... um trabalho em que todos fomos parte e nenhum procurou ser o todo... pois esse é de TODOS NÓS, que integramos esta Comunidade de Práticas com a certeza de que, como afirma a canção de Pedro Abrunhosa, “não estamos sós na tempestade”.**

Parece-nos oportuno terminar estas “metamorfoses”, citando um texto de António Nóvoa que, não obstante ser da década de 90 do século XX, continua repleto de atualidade e sintetiza estes espaços formativos e as opções que os nortearam:

“Toda a formação encerra um projeto de ação. E de trans-formação. E não há projeto sem opções. As minhas passam pela valorização das pessoas e dos grupos que têm lutado pela inovação no interior das escolas e do sistema educativo” (Nóvoa, 1992:31).

maio 2020

*(\*) ES Augusto Gomes | AE Padrão da Légua*



### Referências bibliográficas

ALVES, Luís Alberto Marques. Ensinar História para dar um sentido à vida! In: Revista Transversos, Rio de Janeiro, Vol. 02, nº. 02, p. 6-31, mar.-set. 2014. Disponível em: [www.transversos.com.br](http://www.transversos.com.br). ISSN 2179-7528.

BENTO, Marco (2020). "Ser professor e ser "covidado" a reinventar-se". In Jornal Público online, 24 de março 2020. <https://www.publico.pt/2020/03/24/imp/par/opinia/oprofessor-covidado-reinventarse-1909064>

GAMA, Sebastião (1962). Diário. Lisboa: Edições Ática.

LIMA, Jorge & PAIS, Fátima (2020). "Ensino a Distância em tempos de "guerra". In *Ozarfaxinars*, nº 89.

NÓVOA, António [coord.] (1992). *Os Professores e a sua Formação*. Lisboa: Dom Quixote. Temas de educação: 1.

RIBEIRO, Cláudia Pinto; NÓBREGA, Cláudia Pacheco (2016). O professor dá uma mão, abre horizontes e aquece o coração. In: "História Hoje: Revista de Educação e Ensino", vol. V, nº 9, pp: 94-112.

RODRIGUES, Elvira (2017). *Ensinar e Aprender História: quando os desafios se transformam em oportunidades*. Matosinhos: Cfae\_Matosinhos. Disponível em: [https://www.cfaematosinhos.eu/ebp%20HIS\\_ER\\_Artigo.pdf](https://www.cfaematosinhos.eu/ebp%20HIS_ER_Artigo.pdf).

RODRIGUES, Elvira (2012). "As Ferramentas Web 2.0 como um Contributo para o Sucesso Escolar. Exemplos de Boas Práticas no Contexto do Ensino Profissional e Alunos com N.E.E." In FERNANDÉZ, X. et al *Atas do III Congresso Internacional Fenda Digital. TIC/Escola e Desenvolvimento Local*. Porto: ESEPF.

RODRIGUES, Elvira & GONÇALVES, Daniela (2014). "Modelos de Aprendizagem Construtivistas em Plataformas Digitais". In Escola, J. et al (coord). *Rumo à Inclusão Educacional e Integração das TIC na Sala de Aula*. Santiago de Compostela: andavira, pp.710-720.

RODRIGUES, Elvira & ESCOLA, Joaquim. (2016). "O Cinema na Aula de História: a dupla face de Janus? Contributos de um estudo exploratório". In *Revista de História do Cinema e do Audiovisual* nº 2, pp. 35-46.

TRINDADE, Rui (2002). *Experiências Educativas e Situações de Aprendizagem*. Novas práticas pedagógicas. Porto: Edições Asa.

TRINDADE, Rui; COSME, Ariana (2010). *Todas as aprendizagens são pessoais, mas ninguém aprende sozinho: gerir as salas de aula como comunidades de aprendizagem*. Curitiba: Editora Melo.

VYGOSTSKY, Lev (1978). *Mind in Society: The Development of Higher Psychological Processes*. Harvard University Press.



# Formação contínua e aprendizagens culturalmente significativas: Um olhar marcado pela esperança

Rui Trindade\*



Vivemos um tempo em que a reinvenção da profissão docente, mais do que um desejo, passou a ser um imperativo que dizendo respeito aos decisores políticos, não pode deixar de responsabilizar, também, os professores pelo seu envolvimento em iniciativas que permitam concretizar um tal objetivo.

É de acordo com este pressuposto que importa refletir sobre os projetos de formação contínua e sobre o seu contributo para que ação profissional docente se passe a definir como uma ação de interlocução qualificada (Cosme, 2009), a qual implica que o estatuto e o papel dos professores, dos alunos e do património de informações, instrumentos, procedimentos e atitudes culturalmente validade, e visto como socialmente pertinente, deixe de ser concebido em função do quadro concetual e praxeológico que o paradigma pedagógico da instrução (Trindade & Cosme, 2010) instituiu. Isto significa, então, que defendo que a reinvenção da profissão docente é um propósito que nos obriga a refletir sobre as possibilidades de os projetos de formação contínua contribuírem para que as escolas se afirmem e construam como espaços culturalmente significativos tanto para os seus alunos, como, por isso, para os seus professores.

Trata-se de um projeto que, contudo, não pode ser entendido como uma iniciativa a realizar num futuro mais ou menos próximo, na medida em que, tal como se comprova pela edição desta revista, há quem já esteja envolvido em ações que visam contribuir para a concretização daqueles objetivos, criando oportunidades capazes de potenciar a desejada mudança educativa.

No caso da formação contínua, e em particular no caso da ação de formação «Aprender a ensinar História sem longe, nem distância», defendo que estamos perante uma dessas oportunidades, a qual tem a ver quer com o facto de se ter investido na constituição do grupo de formação como uma comunidade de aprendizagem, onde, por isso, cada um contribui, de forma concomitante, para o seu sucesso e para o sucesso de todos, quer com o investimento na procura de conceber desafios educativos para os alunos que possam suscitar aprendizagens



culturalmente significativas, Ou seja, constata-se que, na referida ação, se cumprem as duas condições que permitem compreender as potencialidades singulares dos projetos de formação contínua como instrumentos de reinvenção da profissão docente.

Assim, o trabalho de escuta, de interpelação, de apoio e de crítica que a organização de um grupo de formação como uma comunidade de prática possibilita, para além do seu valor instrumental, conduz os formandos a viverem uma situação que contraria frontalmente a cultura profissional individualista (Hargreaves, 1998; Thurler, 2001), o qual tem vindo a caracterizar, em termos genéricos, o modo de estar dos professores nas escolas. Por sua vez, o envolvimento ativo e intencional desses mesmos formandos na configuração de desafios curriculares e de soluções pedagógicas que permitam que tais desafios sejam congruentes quer com o universo intelectual e heurístico da disciplina de História, quer com as possibilidades dos alunos aprenderem a movimentar-se neste universo, é uma experiência formativa decisiva porque permite que os docentes, em situação de formação, possam descobrir-se como professores a partir de uma abordagem diferente da atividade profissional que exercem. O que pode ser interessante, neste caso, é que a tentativa de estabelecer um vínculo cultural entre os alunos e os conteúdos e experiências da disciplina de História, em função do qual se cria a oportunidades desses mesmos alunos realizarem aprendizagens culturalmente significativas, é uma condição decisiva para que os próprios professores encontrem novos sentidos para o trabalho que realizam.

Deste modo, torna-se possível, em primeiro lugar, estabelecer uma relação pedagogicamente isomórfica entre o que se defende e pratica no contexto da ação de formação e o que se pretende que se faça, posteriormente, no contexto da escola e da sala de aula. Em segundo lugar, tende-se a contribuir para a resolução de um problema que continua a afetar o campo da formação de professores, o da manutenção da dicotomia insensata que se estabelece entre a dimensão científica e a dimensão curricular e pedagógica das iniciativas que se promovem nesse campo, seja o da formação inicial, seja o da formação contínua.

Uma palavra final para afirmar que iniciativas como aquelas que estão na origem desta publicação são um sinal de esperança e a confirmação quer da importância da relação umbilical entre os CFAEs e as escolas, quer da importância dos formadores e da sua inventividade, quer da necessidade de se reconhecer o potencial dos professores portugueses, em larga medida por explorar.

*(\*) FPCEUP | Presidente do Conselho Científico-Pedagógico da Formação Contínua*



### Referências bibliográficas

Cosme, Ariana (2009). *Ser professor: A ação docente como uma ação de interlocução qualificada*. Porto: LivPsic.

Hargreaves, Andy (1998). *Os Professores em Tempos de Mudança. O trabalho e a cultura dos professores na idade pós-moderna*. Alfragide: MacGraw-Hill.

Thurler, Monica G. (2001). *Inovar no interior da escola*. Porto Alegre: Artmed Editora.

Trindade, Rui; Cosme, Ariana (2010). *Educar e aprender na Escola: Questões, desafios e respostas pedagógicas*.



# Comunidade de Aprendentes

Luís Alberto Marques Alves\*



*"A lógica da inovação educacional orienta práticas que estão situadas na base de sistemas escolares, às vezes em estabelecimentos individualmente considerados e outras vezes em organizações locais entendidas como associações comunitárias. Ao seguirem a lógica da inovação, as práticas educacionais diferenciam-se do que costuma ser praticado junto a determinado grupo social em determinado lugar. Assim sendo, a inovação não se distingue por qualquer qualidade original, antes, porém, está marcada por sua diferença em relação ao que é costumeiro" (GHANEM, 2012).*

**A** leitura dos vossos contributos resultantes do trabalho colaborativo que desenvolveram e ao chegar aos vossos comentários finais, não pude deixar de pensar nos profetas da desgraça e nos arautos da inovação. Os primeiros gostam de criar problemas, obstáculos, dificuldades, partilham manuais de instruções de novos problemas, ... cobrem-se normalmente com vestes de tons cinzentos, têm olhares fugidios, carregam quase sempre importantes obstáculos e são conhecidos por Sísifos. Os arautos da inovação, têm normalmente espaço privilegiado nos canais do cabo (os de TDT são demasiado básicos para eles e até humilhantes), têm acesso a revistas indexadas, expressam semanalmente opiniões na imprensa, têm um olhar sobranceiro sobre as coisas, evidenciam uma postura semelhante àquele que parecer ter o rei na barriga ... vestem fatos de marca, têm gravatas às cores, circulam sempre com portáteis de última geração em pastas de marca e são conhecidos como "Opinion Makers". Estes últimos são regularmente consultados por quem tem a ingente tarefa de decidir.

Os excelentes trabalhos que fizeram, e sobretudo a comunidade que criaram, são a prova que os primeiros não têm razão, e os segundos ainda terão de passar por muitas salas de aulas para que as suas brilhantes ideias tenham algum fundamento. As nuvens de palavras que vocês criaram, deviam ter salvaguardado um espaço para estes segundos aterrarem.

Vocês, conseguiram exemplificar e responder à pergunta a que Jean-Michel Blanquer (um ministro da educação francês) e Edgar Morin procuraram responder no livro "Quelle École voulon-nous?. La passion du savoir" (2020). A vossa escola tem obrigatoriamente de ser aquela que responde ao grande desígnio de uma outra obra de Morin, "Ensinar a Viver. Manifesto para mudar a educação" (2015). Diz-nos ele que "A finalidade da reforma da educação, não é



outra senão o bem viver de cada um e de todos, principalmente dos professores e dos alunos, e requer de ambas as partes a regeneração de Eros. Isso é possível porque essa regeneração já existe em ambos. Naqueles que estavam plenamente conscientes da vocação de ensinar, Eros encontra-se presente no amor pelo saber que transmitem, no amor por uma juventude a ser educada. Nas crianças e jovens existe uma fantástica curiosidade por todas as coisas, com frequência desapontada por um ensino que divide a realidade do mundo em compartimentos separados, ou mesmo pela literatura que se converte em algo rebarbativo na era semiótica.” (MORIN, 2015).

Ora, não apenas na concepção da formação, como sobretudo na dinâmica que ela criou, eu vislumbrei paixão pelo saber diferenciado e interdisciplinar, pelo conhecimento colorido com recursos apelativos e motivadores, pela preocupação na naturalização da diferença, pela divinização da colaboração e partilha, por aquilo que o Fernando Marques Fernandes apontou como “bipolaridade tensionária entre professor produtor e professor recoletor, no contexto da proletarização da função docente”. Vocês transformaram essa proletarização a que nos querem condenar, num manifesto da profissionalidade docente que urge eleger como objetivo fundamental. A proletarização pode ser a situação problema, mas a vossa capacidade de orientação nos escombros de espaço minado para onde nos querem remeter, evidencia o culto ao Eros (paixão) que só os verdadeiros profissionais ainda conseguem preservar.

A partilha com que me honraram, ajudou-me também a pensar que muitas vezes nós percorremos um caminho solitário que mais parece uma Via Sacra. Porque, às vezes, vemos e ouvimos mais os que nos pretendem distrair, ou marginalizar, ou secundarizar, ou menosprezar ... ou no mínimo desvalorizar, e qual Descartes, a dúvida toma conta de nós e o ceticismo e a incerteza, atraiçoa a nossa paixão. Temos de evitar este adultério pedagógico educativo reiterando o nosso verdadeiro amor à nossa profissão, aos nossos alunos, aos colegas que conosco pretendem percorrer o mesmo caminho ou, como nos ensina Hannah Arendt no seu livro de Ensaio saído em 2019, temos de “Pensar sem Corrimão” sem medos, porque, e esta Revista é um bom exemplo disso, há sempre alguém ao nosso lado que não se importará de nos dar a mão! ... E a vossa borboleta simbolizará a verdadeira transformação.

abril de 2020

(\*) FLUP | CITCEM



# A História é *criativa* (e os professores também)

Cláudia Pinto Ribeiro\*



**E**m 2010, num artigo intitulado “Relatos da caixa preta: representações como elemento da cultura escolar”<sup>2</sup>, António Almeida Neto introduzia o seu estudo com uma série de perguntas que, segundo a minha interpretação (maldosa, assumo), tinham um carácter tão provocatório, como inocente:

*Poiesis*, do grego, significa criação, formação, ação de fazer algo. Sobre a educação e, mais especificamente, o ensino de História é de se perguntar: são ou têm sido potencialmente criativos e criadores? Possuem uma *poiesis*? O ensino dessa disciplina tem possibilitado algum tipo de criação? Deveria potencializar atos criativos? Pensam os professores de História sobre aquilo que sua disciplina cria? Teriam esquecido ou nunca souberam? Teriam perdido a *poiesis* nos meandros do cotidiano escolar? (NETO, 2010: 174).

Mas não são a criatividade e a criação qualidades intrínsecas ao ato de ensinar? Não é o ensino da História potencialmente inspirador da criatividade? Podem os professores de História não pensar sobre aquilo que a História cria?

As minhas perguntas carregam o preconceito de quem pensa saber as respostas, como se fossem evidentes. E já todos sabemos, pela pena de António Nóvoa, que tudo o que é *evidente, mente. Evidentemente.*

Em meados do século XX, Anderson (1959) perguntava porque é que a criatividade das crianças era quase inesgotável e nos adultos quase inexistente. Quarenta anos mais tarde, Sternberg e Williams (1999) tinham encontrado uma explicação possível: era difícil encontrar criatividade nos adultos porque a sociedade reprimia o seu potencial criativo ao pretender formatar com moldes inflexíveis, pouco maleáveis. Não é por acaso que alguns “velhos do Restelo” continuam a apregoar, bem alto, que a *escola mata o génio.*

Contudo, dentro da sala de aula, nada é linear. Se a literatura consolidou, de forma perspicaz, a metáfora da sala de aula como a **caixa negra do ensino**, eu prefiro a ideia de que a sala de aula se assemelha mais ao **Cubo de Rubik**. É um

<sup>2</sup> NETO, A. S. A. “Relatos da caixa preta: representações como elemento da cultura escolar”. In *Educar*, Curitiba, n. 37, p. 173-189, maio/ago. 2010. Editora UFPR



autêntico quebra-cabeças, um "cubo mágico", como o seu inventor inicialmente o apelidou, em 1974. Mas, para mim, o que é fascinante é o número total de combinações possíveis: **43 252 003 274 489 856 000**. Penso, todavia, que, numa sala de aula, este número peca por defeito!

E também é dessas combinações possíveis e complexas que surge este **encontro**. Dois formadores e duas mãos bem cheias de formandos mostram como das nuvens que parecem pássaros e árvores e estrelas feitas de palavras se fazem esquemas conceptuais. E como de tiras de banda desenhada se escrevem histórias, excelentes pontos de partida para aprender a História que se diz ser carrancuda e séria.

Poder-se-ia dizer que este **encontro** de vontades criativas foi o resultado de quem viu na adversidade dos "tempos modernos" (atuais) a ocasião para fazer diferente e chegar mais longe, negando a distância obrigatória que nos separa.

Mas não poderíamos estar mais errados.

A determinação em se percorrer outros caminhos, em utilizar outros meios e produzir as suas ferramentas de trabalho não é de agora. Nem foi uma escolha. É uma "estranha forma de vida" a que estes professores não se podem furtar.

São estes professores que tornam evidentes as respostas às questões colocadas há pouco. Podem estes ensinadores não ser criativos quando são tão generosos no modo como (se) dão (n)as aulas? Não é o ensino desta História **ativa** inspirador de outras abordagens e perspetivas (que não precisam ser novas, pois *os Gregos já inventaram tudo!*)? Não é este **encontro** o resultado imediato da partilha de reflexões fundadas numa prática séria, sistemática e organizada no lufa-lufa do dia a dia e das turmas numerosas e dos programas infinitos e das reuniões infindáveis...?

Eu diria que sim, mas sou a suspeita do costume. Porque sei que **a História é criativa e estes professores também**.

maio de 2020

(\*) FLUP | CITCEM

# Construir uma nuvem de palavras

## Desafio Pedagógico 1

Construir uma nuvem de palavras (com recurso ao *tagxedo*, *wordle*, *wordart*, *infogram*,...) a integrar um plano de aula da disciplina de História, indicando:

- Ano de escolaridade;
- Módulo/tema/unidade temática;
- Momento da aula em que pretendem utilizar;
- Objetivos da sua utilização.



## Nuvem de Palavras - 25 abril

(Augusta Estrela)



Ano de escolaridade - 9º Ano

Disciplina - História

Módulo/tema/unidade temática - Tema 11 - Do segundo após-guerra aos anos 80 - O fim do Estado Novo

Momento da aula em que pretendem utilizar - No início da aula

Objetivos da sua utilização - Motivação para o tema em estudo; apelar aos conhecimentos adquiridos dos alunos; incentivar a participação dos alunos; suscitar a curiosidade dos mesmos em torno de alguns conceitos/conteúdos em estudo.

Posteriormente, desafio os alunos a criarem a sua nuvem de palavras em torno do tema: As novas instituições democráticas, através da app Word Art Generator e incentivo-os a criar um mural na sala de aula com as suas nuvens.





## Nuvem de Palavras - A Reforma Protestante

(Céu Granja)



Ano de Escolaridade: 10º

Tema: A Renovação da Espiritualidade e Religiosidade

Subtema: A Reforma Protestante

Esta Nuvem de Palavras pretende, de uma forma lúdica, levar os alunos a assimilar as razões que estiveram na origem da Rotura Teológica do século XVI.



## Nuvem de Palavras - A Ditadura Salazarista

(Conceição Barbosa)



Ano de escolaridade - 9º ano

Módulo/tema/unidade temática - Domínio J - Crise e Democracias na década de 30  
Subdomínio - Portugal: A Ditadura Salazarista

Momento da aula em que pretendem utilizar - Finalizar a unidade temática

Objetivos da sua utilização - Consolidação de conhecimentos



## Nuvem de Palavras - Medicina Tradicional

(Fátima Soares)



Ano de escolaridade - Educação e Formação de Adultos- Ensino secundário - 2º ano- Área de Formação - Cultura, Língua e Comunicação

Núcleo Gerador 3- Saúde; Dr3- Medicinas e medicação

Momento de utilização - Final da aula

Objetivos - Levar os formandos a refletir sobre os conteúdos lecionados, contribuindo de forma mais eficaz para a consolidação dos conhecimentos adquiridos.



## Nuvem de Palavras - 3 canções de abril: a revolução (en)cantada

(Fernando Fernandes)



Descrição sumária: Criação de nuvem de palavras, com recurso ao Tagxedo, pelas suas potencialidades gráficas (com a imagem a recordar o cravo), a integrar um plano de aula da disciplina de História e Geografia de Portugal.

6.º ano de escolaridade.

Tema 5.: Portugal no séc. XX.

Subtema 5.3.: O 25 de abril de 1974 e o regime democrático.

Momento de utilização: síntese/avaliação, com a participação dos alunos, em diálogo vertical/horizontal, após audição de excertos das canções 'Tourada', 'E depois do adeus' e 'Grândola, Vila Morena'; identificação dos autores e das diferentes mensagens e contextos epocais, acompanhando a cronologia pré e pós-revolucionária, em trabalhos de grupo.

Objetivos da sua utilização: Sintetizar as aprendizagens com a enunciação de palavras e ideias-chave, bem como nomes e intérpretes das canções de abril; e avaliar os conhecimentos e experiências adquiridos pelos alunos.



## Nuvem de Palavras - Os Caminhos da Cultura

(Helena Monteiro)



Disciplina: História A

Ano de escolaridade: 11º

Módulo 6, unidade 5- Os caminhos da Cultura

Momento da aula: fim da última aula da unidade

Objetivos: utilizar a nuvem de palavras para fazer a síntese dos conteúdos da unidade.



## Nuvem de Palavras – A Pintura no Estilo Gótico

(Helena Vieira)



Ano de escolaridade - 10º Ano

Disciplina - História e Cultura das Artes

Módulo/tema/unidade temática - A Cultura da Catedral - A arte gótica - A pintura gótica

Momento da aula em que pretendem utilizar - No início da aula

Objetivos da sua utilização - Consolidação de conhecimentos e esclarecimentos de dúvidas para a ficha de avaliação, sobre a pintura gótica.

Aproveitando o desafio lançado, esta nuvem de palavras foi utilizada em sala de aula, mas os alunos também foram desafiados a criarem a sua própria nuvem de palavras com recurso à aplicação móvel Word Cloud Smart Puffin, a partir da exploração de documentos iconográficos sobre a arquitetura e a escultura gótica.



## Nuvem de Palavras - Os Rumos da Expansão Portuguesa

(João Baptista)



Disciplina - História e Geografia de Portugal

5º Ano de Escolaridade

Domínio - Portugal nos Séculos XV e XVI

Subdomínio - Os rumos da expansão Portuguesa  
(De Ceuta à Índia)

Será utilizada após a leção desta unidade temática como consolidação.

Objetivos: Conhecer os rumos da Expansão quatrocentista;  
Conhecer os efeitos da expansão;  
Identificar personagens e as viagens dos Descobrimientos Portugueses.



## Nuvem de Palavras - 25 de abril 1974

(Laurinda Santana)



Disciplina - História e Geografia de Portugal

Ano: 6º

Unidade Temática: Portugal no século XX

Tema: O 25 de Abril de 1974 e o Regime Democrático

Momento/Objetivos:

Apresentação da Nuvem de Palavras no início da aula, como forma de captar a atenção dos alunos para a temática a abordar, de promover a sua participação, de orientar para a descoberta do tema a desenvolver e de dar a conhecer algum vocabulário específico.



## Nuvem de Palavras - Da Revolução Agrícola à Revolução Industrial

(Luísa Sobrado)



Disciplina - História

Ano de escolaridade: 8º

Tema : Da Revolução Agrícola à Revolução Industrial: A Revolução Agrícola

A estratégia foi aplicada no final da aula com o objetivo duplo de sistematizar e avaliar as aprendizagens da aula. Assim, após a análise de vários documentos relativos ao tema em estudo foi entregue um pequeno texto com lacunas, para que, em trabalho de pares, os alunos completassem os espaços com os conceitos/ palavras que aparecem na nuvem.

A nuvem foi construída no WordArt e foi apresentada com animação. Animado foi também o momento da aula!



## Nuvem de Palavras - Estado Novo

(Nuno Faria)



Esta nuvem de palavras destina-se a alunos do 6º ano de escolaridade. “Portugal do século XX: O Estado Novo (1933-1974).

Foi “testada” em contexto de sala de aula. Para o efeito foi utilizado o “Adobe PageMaker 6” com o qual se conseguem efeitos semelhantes ao “Wordle.net”.

A exploração foi realizada, explorando as palavras da nuvem visando, cumulativamente, a revisão da matéria para a ficha de avaliação e como introdução ao módulo seguinte “O 25 de Abril e o regime democrático”.

Os alunos consideraram como muito positiva esta estratégia. Foi elaborado, no quadro, um esquema concetual que permitiu hierarquizar, interligar e explorar os conteúdos associados a cada palavra. Em tempos que já lá vão utilizava o software “MindManager” que permitia a preparação de aulas com a utilização de “mapas/esquemas” conceptuais.

## Nuvem de Palavras - Antigo Regime Europeu

(Olívia Maia)



Disciplina - História

8º ano de escolaridade

Tema 2 – O contexto europeu dos séculos XVII e XVIII

Unidade 3 – O Antigo Regime Europeu – regra e exceção

3.4 – A afirmação política e económica da Holanda e da Inglaterra nos séculos XVII e XVIII

- Esta nuvem de palavras pode ser usada para, após um debate com os alunos, fazer uma síntese e concluir a aula.



## Nuvem de Palavras - A Grande Depressão e o seu Impacto Social

(Paulo Silva)



Disciplina - História A

12º ano de escolaridade

Unidade 2 - O impacto das tensões políticas e sociais a partir dos anos 30.

Subunidade 2.1 - A Grande Depressão e o seu impacto social.

A nuvem de palavras pode ser utilizada no início da aula.

O objetivo será o de fazer a ligação com os conteúdos de aprofundamento da unidade 2.

A escolha do tema residiu também na particularidade de se assinalar em outubro, 90 anos do Crash e na atualidade do tema.

## Nuvem de Palavras - A Guerra Fria

(Pedro Batista)



Criei esta nuvem de palavras para as turmas de 9º ano que leciono, para o tema "do segundo após-guerra aos anos 80 - a Guerra Fria", em que se pode utilizar esta nuvem de palavras no final da aula, como que fazendo um apanhado do mais importante tratado, palavras chave para os alunos inferirem e reterem dos conteúdos tratados sobre esta temática.



## Nuvem de Palavras – Descobrimentos

(Tereza Costa)



Criei este conjunto de palavras, para o tema dos Descobrimentos no 8º ano de escolaridade. Pode ser utilizado no final da leção do tema. O objetivo é treinar a Comunicação em História. A partir desta nuvem, o grupo turma em conjunto ou individualmente pode de construir um texto sobre o tema.



## Nuvem de Palavras - 5 de outubro

(Vitor Santos)



Esta nuvem de palavras destina-se a ser explorada, no 11º ano, no módulo 6, ponto 4.3. As transformações de regime político na viragem do século, também pode ser utilizada no 9º ano.

Depois de lecionar os anos finais da monarquia, os alunos vão procurar os fatores que contribuíram para o 5 de outubro e discutir, com a ajuda do professor, cada um desses fatores.



# Produzir uma banda desenhada

## Desafio Pedagógico 2

Produzir uma banda desenhada, com recurso ao TOONDOO ou a outra ferramenta, a integrar num plano de aula da disciplina de História, mencionando:

- Ano de escolaridade;
- Módulo/tema/unidade temática.
- Momento da aula em que pretendem utilizar;
- Objetivos da sua utilização.



## Banda desenhada - Antiga Grécia

(Augusta Estrela)

### DEMO CRACIA - BY MAUGUSTA

WWW.TOONDOO.COM



### DEMO CRACIA II - BY MAUGUSTA

WWW.TOONDOO.COM



Ano de escolaridade - 7º ano /10º ano

Disciplina - História / História A / HCA

Objetivos da sua utilização - Motivação para o tema em estudo; apelar aos conhecimentos adquiridos dos alunos incentivar a participação dos alunos, suscitar a curiosidade dos mesmos em torno de alguns conceitos/conteúdos em estudo.



## Banda desenhada – Egito

(Benedita Barbosa)

### EGITO - BY BENEDITAGUINEA



7º ano de escolaridade

Tema A - Das Sociedades Recoletoras às Primeiras Civilizações

A2 - O Egito

Esta pequena tira tem como objetivo motivar os alunos para o estudo da Civilização Egípcia, servindo de ponto de partida para o seu estudo.



## Banda desenhada – Anglicanismo

(Céu Granja)



Banda desenhada animada disponível em: <https://www.powtoon.com/embed/ei26yXl2YVP/>

Esta banda desenhada destina - se aos alunos do 8º ano de escolaridade do ensino básico e tem como objetivo, a consolidação, de uma forma mais apelativa, das aprendizagens relativas à unidade "Renascimento, Reforma e Contrarreforma" do tema: Expansão e Mudança nos séculos XV e XVI".



## Banda desenhada – Sociedades Recoletoras

(Conceição Barbosa)

RECOLECTORES - BY CONCEICA02019

WWW.TOONDOO.COM



7.ºano

Módulo - As sociedades recoletoras

Momento da aula: Consolidação de conteúdos

Objetivo: Destacar a importância da caça na vida dos hominídeos



## Banda desenhada - Hitler invade a Polónia

(Fátima Soares)



Esta pequena tira de BD tem como público-alvo os alunos do 9.º ano de escolaridade, para trabalhar o tema 2ª Guerra Mundial- Violência e Reconstrução.

Pode servir como ponto de partida a uma aula sobre a origem da II Guerra. Para além de poder servir como motivação, também pretende levar os alunos a refletir sobre a relação da Alemanha com a Sociedade das Nações e a política de alianças.



## Banda desenhada - O Estado Novo

(Fernando Fernandes)



Ano de escolaridade: 6.º

Módulo/tema/unidade temática: O Estado Novo (1933-1974)

Momentos da aula a utilizar: Momento inicial, de motivação e sequentes, com exploração da tira; e momento final, de síntese/avaliação.

Objetivos da sua utilização: pretende-se que, através da BD, os alunos possam identificar, elencar e reconhecer os aspetos mais significativos do regime salazarista, a saber:

- Falta de liberdades civis (direitos de manifestação e de associação, liberdade de expressão);
- Difíceis condições de trabalho e de vida dos trabalhadores;
- Repressão policial;
- Censura;
- Organização do ensino, com a separação dos géneros;
- Organizações do Estado Novo (Mocidade Portuguesa e Legião Portuguesa);
- Emigração.



## Banda desenhada - das Sociedades Recoletoras às Primeiras Civilizações

(Helena Monteiro)



Disciplina – História, 7º ano de escolaridade

- Tema: Das sociedades recoletoras às primeiras civilizações. A Civilização Egípcia e a civilização Hebraica

- Momento da aula em que pretendem utilizar - Este recurso poderá ser usado quer no início, quer no decorrer das aulas que abordem as religiões egípcia, hebraica e grega.

- Objetivos da sua utilização: ajudar os alunos a distinguir dois conceitos básicos do programa de sétimo ano: o de politeísmo e o de monoteísmo e tentar enquadrá-los numa perspetiva diacrónica e sincrónica (na medida do possível para alunos desta faixa etária). Tem como outros objetivos: fazer feedback de conteúdos anteriormente abordados, mobilizar saberes e incentivar a sua participação e curiosidade.



## Banda desenhada - Espaço: Atenas: a polis; a planta de Atenas; o mar e o porto

(Helena Vieira)

Esta foi a maior polis do mundo antigo. Liderou a Liga de Delos e fundou a democracia. Sabes que cidade é esta?

Aqui era a Ágora, a praça pública. Aqui as pessoas dedicavam-se ao comércio e ao artesanato, mas também discutiam questões políticas e filosóficas.

Sim, foi Atenas! Sabes como estava organizada a polis? Vamos ver...

A parte mais alta da cidade era a Acrópole. Era um espaço muralhado e aqui estavam os principais templos da cidade como o Partenon e o Templo de Atena Nike.

Para lá da muralha estava a zona rural. Esta garantia a autossuficiência da polis.

O porto marítimo de Atenas era o Pireu. Aqui desenvolvia-se o comércio externo. Aqui chegavam embarcações de todo o Mediterrâneo

Os teatros aproveitavam a inclinação natural do terreno. No teatro grego faziam-se tragédias e comédias!

No estádio fazia-se exercício físico. O lema dos gregos era "Mente sã em corpo sã". Aqui também se preparavam os atletas gregos para os Jogos Olímpicos.

Na pnhix, os cidadãos discutiam as principais questões políticas. As decisões eram votadas por todos e tomadas por maioria.

E assim era a Polis grega. Será que aprendeste tudo? Realiza agora a ficha de trabalho que se segue. Se tiveres dúvidas consulta o teu manual ou pergunta à tua professora.

Esta banda desenhada foi pensada para a disciplina de História e Cultura das Artes (10º Ano) para o tema Espaço: Atenas: a polis; a planta de Atenas; o mar e o porto. Foi idealizada como motivação inicial, mas também como recurso de exploração de conteúdos.

Os seus objetivos são explorar os vários espaços que compunham a polis ateniense e as suas funções, assim como explorar outros temas da cultura ateniense.

Embora tenha sido pensada para o 10º ano de HCA, também poderia ser adaptada para o 10º ano de História A e para o 7º ano.

Possíveis questões de orientação na exploração da banda desenhada, em diálogo horizontal e vertical com os alunos.

- 1 – O que é uma polis? O que a caracterizava?
- 2 – Relembra-se o que foi a liga de Delos?
- 3 – Que império ameaçou o mundo grego?
- 4 – Que funções tinha a Acrópole?
- 5 – Que tipo de religião praticavam os gregos?
- 6 – O que se fazia na Ágora?
- 7 – Qual era a importância económica da Ágora e do Pireu?
- 8 – Por que motivo as polis tinham de ser autossuficientes?
- 9 – Por que se diz que Atenas tinha uma Democracia Direta?
- 10 – Quem eram os cidadãos? Todos os gregos tinham direitos políticos?
- 11 – Quais eram os principais géneros de teatro grego? O que os distinguiu?
- 12 – O que significa a expressão “Corpo são em Mente sã”?
- 13 – Em honra de que deus se realizavam os jogos Olímpicos?
- 14 – Será que todas as polis eram iguais a Atenas?

## Banda desenhada

(João Baptista)

### APRENDER C/ BD - BY JOAOBAPTISTA



Com esta tira de Banda Desenhada pretendo divulgar um dos livros de Banda Desenhada que utilizo, com alguma frequência, quer como motivação quer como consolidação das temáticas abordadas no 2º Ciclo.

Objetivos: Compreender a História de Portugal através de estratégias lúdicas;  
 Conhecer e compreender os principais acontecimentos da História de Portugal;  
 Conhecer aspetos da Sociedade e da Cultura Portuguesa.



## Banda Desenhada: 25 de abril

(Laurinda Santana)



Disciplina: História e Geografia de Portugal - Ano de Escolaridade: 6.º

Domínio / Subdomínio: Portugal no séc. XX - Tema: O 25 de Abril e a construção do regime democrático

Através do visionamento da banda desenhada, inspirada na obra "O Tesouro", de Manuel António Pina, pretende-se que os alunos reflitam sobre o valor fundamental (re)conquistado pela "Revolução dos Cravos". Um verdadeiro "Tesouro" a preservar!

## Banda Desenhada: Da 1ª República à Ditadura Militar

(Luísa Sobrado)



O recurso foi pensado para o 9º Ano.

Tema: Portugal: da 1ª República à Ditadura Militar: Crise e queda da monarquia.

O recurso pode ser explorado através de um questionário orientado sobre o descrédito da monarquia e a afirmação do republicanismo.

Exemplos:

Quem foi Afonso Costa?

Quem era o rei em 1906?

A que crime se referia Afonso Costa no seu discurso aos deputados?

Que comparação é feita no final do discurso?

Qual era a situação económica de Portugal nessa época?

(...)

## Banda Desenhada: A Independência do Brasil

(Nuno Faria)



6º ano de escolaridade

A independência do Brasil:

Objetivos:

- Referir o princípio da separação de poderes, a igualdade perante a lei e o princípio da soberania nacional, por oposição ao absolutismo.
- Reconhecer o caráter "revolucionário" da Constituição de 1822, salientando, ainda assim, os seus limites, por referência ao voto verdadeiramente universal atual;
- Descrever sucintamente o processo de Independência do Brasil.



## Banda Desenhada: A consolidação dos processos de industrialização

(Olívia Maia)

**BANDA DESENHADA - BY OLIVIAMAIA**

WWW.TOONDOO.COM



Disciplina – História

8º ano de escolaridade

Unidade 7 - Mundo industrializado e países de difícil industrialização

7.1 - A consolidação dos processos de industrialização

A banda desenhada seria utilizada no final da aula, após debate e como uma pequena síntese.

Objetivos:

- Conhecer os novos meios de transporte que "revolucionaram" o séc. XIX;
- Perceber como a revolução dos transportes acelerou a mundialização da economia.

## Banda Desenhada: Expansão e Mudança nos séculos XV e XVI

(Paulo Silva)



Disciplina – História

8.º ano de escolaridade

Tema E - Expansão e Mudança nos séculos XV e XVI.

Subtema E2 - Renascimento, Reforma e Contrarreforma.

Objetivo Geral: Compreender o Renascimento.

Questões orientadoras:

- 1 - Que fatores favoreceram a eclosão do Renascimento em Itália?
- 2 - Quais eram os principais valores renascentistas?

Esta banda desenhada pode ser utilizada como síntese.

## Banda Desenhada: Aljubarrota

(Pedro Batista)

### ALJUBARROTA - BY RODMAN110



Disciplina - História

Ano de Escolaridade: 7º e 8º ano

Domínio 4.2 - As crises do século XIV

Momento que da aula que pretendo usar: momento final, após serem lecionados os conteúdos decorrentes desta temática.

Objetivos: Indo de novo às questões relacionadas com a crise de 1383 - 1385, esta banda desenhada foi criada com o intuito de ser usada no momento final da aula, como um complemento inovador, apelativo, provocador e nacionalista à luta pela nossa independência face a Castela.

## Banda Desenhada: A Corte no Brasil

(Tereza Costa)



Esta B.D foi criada para ser utilizada no 8º ano de escolaridade no Tema sobre A Revolução Liberal Portuguesa de 1820.

Recurso a ser utilizado para introduzir a revolução liberal portuguesa, com o objetivo de criar a discussão sobre as repercussões em Portugal da fuga da corte portuguesa para o Brasil, após as invasões francesas e também explorar alguns conceitos como o de Constituição e Monarquia Constitucional a partir das exigências das Cortes Constituintes.

## Banda Desenhada: Para que serve a História?

(Vitor Santos)

### A HISTORIA - 7 - BY VITORMBSANTOS



Uma pequena banda desenhada para iniciar a exploração do tema da História no 7º ano de escolaridade, quais os objetivos da disciplina, como se estuda a História, qual a sua importância. Foi concebida para ser utilizada na primeira aula do ano letivo para iniciar o diálogo entre professor e alunos, e serve para exemplificar que a aula é um diálogo sempre em construção.



# No olhar dos formandos

## Desafios e Oportunidades de um Espaço Formativo



Adriano Silva



Alberto Telmo



Ana Carvalho



Augusta Estrela



Benedita Barbosa



Carla Ferreira



Céu Granja



Conceição Barbosa



Fátima Soares



Fernando Fernandes



Helena Monteiro



Helena Vieira



João Baptista



João Santana



Laurinda Santana



Luísa Andrade



Luísa Sobrado



Nuno Faria



Olívia Maia



Paula Dionísio



Paulo Silva



Pedro Batista



Teresa Ramalho



Tereza Costa



Vítor Santos



A minha participação nesta formação tem correspondido às expectativas iniciais e como tal tem sido gratificante. Em primeiro lugar por estarmos perante uma formação específica, que é desde logo uma mais-valia pois permite a troca de opiniões, vivências e trabalho colaborativo que potência a nossa prática educativa. O único senão, é o meu comportamento "anti-facebookiano", a minha aversão às redes sociais com as quais não simpatizo.

*(João Baptista)*

Devo confessar que cada momento me entusiasma mais, não só pelos conhecimentos que os formadores nos induzem e nos provocam, mas também com as trocas de ideias e de experiências com todos, o que é muito bom, não só para reflexão, mas também para usufruirmos para motivar os nossos alunos. Penso que estas formações específicas são mais-valias para o nosso saber estar, ser e criar ferramentas que propiciem desafios a nós e aos nossos alunos.

*(Pedro Baptista)*

Esta formação tem sido verdadeiramente desafiante! Revelou que não é mais uma formação para entrar em contacto com as tecnologias, nem para aprender a trabalhar com elas. É uma formação que nos leva mais além e faz-nos pensar não só sobre as vantagens das TIC em sala de aula, mas sobretudo sobre a melhor maneira de as utilizar e rentabilizar didaticamente. Neste ponto, a partilha de experiências, a meu ver, é o melhor que esta experiência nos está a dar. Permite-nos aprender com colegas, faz-nos sair do casulo onde por vezes ficamos fechados e desafia-nos a pensar "fora da caixa". Apesar do cansaço deste final de ano, esta formação voltou a dar-me o ânimo do início do ano letivo, pois quando penso nos desafios propostos, penso logo como posso rentabilizá-los para as minhas próximas aulas. Os recursos que fizemos motivam os alunos, mas também me motivam a mim! Este espaço formativo ultrapassou em muito as minhas expectativas. Revelou-se um espaço de partilha de ideias, mas também de práticas pedagógicas e didáticas que partem das novas tecnologias. Permitiu-nos sair do nosso mundo profissional individual e conhecer outras práticas para além das nossas. Foi esta partilha de ideias, recursos e experiências que me permitiu "elevar a fasquia". Compreendemos que não entramos num daqueles cursos de formação em que nos apresentam apenas as novas tecnologias, nem é esperado que apenas façamos recursos com elas. Este espaço formativo levou-nos a pensar mais além, não apenas no "como é que eu faço isto...?", mas antes "O que é que eu faço com estes recursos? Como os trabalhos com os alunos?". Naturalmente, a realização de todos os desafios que nos lançaram consumiram tempo e exigiram um esforço de trabalho contínuo, semana após semana. Porém, a motivação subjacente a todos, a partilha dos trabalhos e os agradáveis e incentivadores comentários frequentes entre pares fizeram-nos "perder o medo" de arriscar e sobretudo de mostrarmos aquilo que fazemos, que aprendemos a fazer e que poderemos fazer no futuro. Foi sem dúvida um espaço que me ensinou muito e que me fez crescer enquanto professora!

*(Helena Vieira)*

Penso que já foi tudo dito sobre as mais valias das TIC e sobre a partilha de experiências. Corroboro todas as palavras ditas (exceto a aversão ao facebook do João Baptista). Resta, então, dizer que o melhor



de tudo isto é o trabalho colaborativo (que cada vez é mais escasso nas escolas, muitas vezes por não haver horários compatíveis...) a imensa quantidade de recursos produzidos em tão pouco tempo e que são úteis a todos nós. Por isso mesmo, acho que se impõe a reflexão acerca da criação de uma plataforma de partilha de trabalho entre os professores de História (para já podíamos ser só nós e depois alargava-se...). Sei que já existe uma página no facebook, também há outros sites mas este seria só para partilhar materiais e ideias (sem a parte do "muro das lamentações" e das legislações). Fica lançada a ideia!

*(Benedita Barbosa)*

A formação tem sido um percurso marcado pela partilha de informação e, sobretudo, de experiências. Num mundo mediatizado e informatizado nem sempre a partilha é um dado adquirido. É uma formação que irá perdurar muito para além do seu término, porque a muita informação partilhada e discutida vai levar algum tempo a digerir na sua totalidade, pois exige uma reflexão cuidada e, necessariamente demorada no tempo.

*(Vítor Santos)*

A simpatia de todos, o trabalho colaborativo e o desenvolvimento de recursos pedagógico-didáticos têm sido, na minha opinião, as mais valias desta formação. A partilha de informação, de experiências e dos materiais realizados tem sido excelente e têm-me servido de motivação numa altura em que o cansaço nos atinge com maior intensidade. Concordo com a ideia da Benedita: um site de partilha de materiais e ideias seria excelente. Quem sabe não criamos um que depois podemos alargar a mais colegas?

*(Olívia Maia)*

De facto, num período em que tanto se fala na necessidade de trabalho colaborativo entre professores, eis que ele surge nesta formação de uma forma simples e espontânea; sem pressões, sem imposições, sem reuniões ao final do dia, numa altura em que já estamos cansados de burocracia, "mais do mesmo", como pensamos frequentemente. Parece-me que para além das aprendizagens novas que todos temos feito, procurando responder a cada desafio, e que são sempre uma mais-valia, os nossos formadores conseguiram, sem pressões e de uma forma subtil levar-nos mais além- à partilha, ao trabalho colaborativo. E como é difícil os professores partilharem, não concordam?

*(Fátima Soares)*

Cada vez mais é necessário trabalharmos em estreita colaboração com os nossos pares (de grupo ou não). O trabalho em equipa é deveras proveitoso, e a prova está aqui neste texto, que na essência será o todo pelas partes. A partilha de saber e de ferramentas que existe nesta formação é de facto um dos pontos fortes da mesma, a par da disponibilidade e do incentivo dos nossos formadores. Esta formação composta por desafios, espaços de partilha e discussão, leva-nos a refletir, analisar e a experimentar ferramentas (conhecidas ou não). Os desafios levam-nos a querer fazer, ver e partilhar. Todos temos vontade de ir mais além nos nossos conhecimentos de TIC/REA, saindo assim da nossa zona de conforto.

Dou por mim a falar com colegas da escola sobre aquilo que vou fazendo e tenho pena que o tempo me fuja e que não permita desenvolver um pleno trabalho colaborativo pleno de partilhas.

(Augusta Estrela)

Dou por mim a experimentar ferramentas que eram, até esta formação, proibitivas ainda que já tivesse utilizado algumas, mas construí-las...nem pensar, eu sou uma professora de gestos, de palavras, de afetos, que adoro comunicar "olhos nos olhos", daí ser tão avessa às novas tecnologias, embora lhes reconheça grande utilidade nos dias de hoje, mas depois leio os comentários dos meus colegas e "invejo" o seu entusiasmo e apreço pelas TIC e, "embora com cautelas e caldos de galinha", deixo - me levar e vou até onde o "aprender fazendo" me leva.

(Maria do Céu Granja)

Entrei nesta formação como estivesse a experimentar *bungee jumping*: estava com medo, hesitei, mas levei um "empurrão", que muito agradeço aos formadores, e aqui estou a voar/pedalar para tentar acompanhar os colegas. Como entendo a colega Maria do Céu, eu também tenho pouca empatia por estas ferramentas digitais, mas depois quando as utilizo ou melhor quando as consigo utilizar e vejo o resultado, fico super entusiasmada e orgulhosa da criação. Reconheço a sua utilidade prática, facilitadora da aprendizagem e acima de tudo motivadora para os nossos alunos. Concordo com a Fátima Soares quando afirma que não existe muito a cultura da partilha entre os professores, ainda persiste muito o professor/ilha. Esta formação também vem trazer esse espaço de partilha do saber e obriga-nos como diz a colega Helena Monteiro a "pensar fora da caixa". Tenho ficado realmente surpreendida ao ver os materiais que os colegas constroem em resposta aos desafios.

(Maria Tereza Costa)

Esta é a formação que eu ansiava e temia... "ambientes inovadores", por vezes inibidores face ao domínio das tecnologias que muitos colegas revelam. Desafios que antes de mais são colocados a nós mesmos, à nossa capacidade de adaptação a um mundo que corre mais rápido do que nós. Desafios à criatividade, à capacidade de inovar e fazer diferente. E depois há o grupo que, tal como eu, está ávido de aprender e de ensinar, de partilhar e de cooperar. Sim, porque se é difícil partilhar é muito mais difícil cooperar e desta partilha desinteressada de todos nós resultará certamente a possibilidade de um trabalho verdadeiramente colaborativo. O entusiasmo resiste, mas o receio continua. Cada semana, cada tarefa desafiadora é um obstáculo a transformar em possibilidades de trabalho a concretizar com os alunos que são afinal a razão de ser de tudo isto! Ao pensar nos "Desafios e Oportunidades" deste curso de formação e, em particular, deste espaço formativo, ocorreu-me o texto de Moran, "Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda". De facto, o grande desafio foi assumir o papel de aprendiz proativo, envolvido em atividades, tarefas, desafios que transformaram as inseguranças e limitações em motivação para a construção de novos conhecimentos e competências digitais. Senti também que as aprendizagens que realizei resultaram, tal como é referido por Moran, do caminho que percorri individualmente, de tudo o que aprendi com os restantes elementos do grupo e da orientação experiente dos formadores, que me ajudaram a "ir mais além" do que alguma vez conseguiria sozinha.



Os desafios lançados constituíram oportunidades de conhecimento de mim mesma, das minhas capacidades e dificuldades e, cada recurso produzido, um obstáculo ultrapassado! O regime de b-learning permitiu que este espaço formativo fosse um ambiente inovador de aprendizagem onde existe espaço de interação, partilha, interajuda, mas também um caminho que se percorre sozinho e que nos dá grande satisfação pessoal.

Este é o caminho que pretendo continuar a percorrer ... aprender e ensinar!

(Luísa Sobrado)

Não podemos esquecer que a Escola é cada vez mais um espaço dinâmico, onde se cruzam realidades / experiências muito diversificadas, pelo que se torna imperativo o conhecimento de novas metodologias de ensino. Promover o sucesso educativo dos alunos e, por outro lado, contribuir para que estes adquiram competências específicas essenciais para uma adequada integração socioprofissional, é cada vez mais um desafio!

(Conceição Barbosa)

Reitero as palavras dos meus *compagnons de route*. Vim parar a esta formação graças a um alinhamento cósmico, ou lá como se diz na linguagem *new age e thank god i did it*: é uma formação específica, com formadores e formandos bem formados, motivados e motivadores. Faz-nos querer coconstruir, pensar, trabalhar, pesquisar (só coisas boas) e, para além de nós abrir horizontes na didática da História e no mundo das tecnologias de informação e comunicação, acho que tem como grande objetivo fazer-nos mudar de paradigma, tornar a nossa prática mais consentânea com as exigências deste século, trabalhando em conjunto, sem "avareza intelectual". Nunca pensei que o blended learning aproximasse tanto as pessoas, nem que a co-aprendizagem fosse tão exequível, estimulante e desafiante. Tem sido um prazer, mesmo em final de ano, submersa em trabalho e papeladas. Também acho interessante a ideia de partilharmos os materiais criados no âmbito desta ação. Tenho visto trabalho fantástico que adoraria utilizar nas minhas aulas. Vamos lá "utilizar a educação aberta para a comunicação e construção colaborativa de conhecimentos abertos". Nunca pensei que o formato *b-learning* permitisse tanta partilha, tanta reflexão, tanta interação. Foi efetivamente um espaço de co-construção de conhecimento aberto e de trabalho colaborativo interpares. Os formadores, sempre presentes, pragmáticos, atentos e motivadores [Top! Top! Top! em linguagem adolescente] potenciaram a criação de um grupo/ comunidade com características muito singulares: unido, solidário, divertido, simpático, sem receio de novos desafios e motivado internamente para pôr em prática tudo que aprendeu. Agradeço a todos as reflexões, opiniões e os comentários aos trabalhos realizados.

(Helena Monteiro)

O "alinhamento cósmico" que nos presenteou com a Helena Monteiro fez-me recordar Miguel Torga "Chegar à Índia ou não / é um íntimo desígnio de vontade/ (...) Basta que nos momentos de terror (...) o ânimo enfrente/ A fúria do Adamastor". Efetivamente, a frequência de uma ação desta natureza, "... mares nunca antes navegados", por mim, e particularmente os desafios propostos levaram-me a empreender mais uma "viagem" neste "Oceano de potencialidades", ora navegando com ventos brandos e favoráveis, ora enfrentando alguns "Adamastores". Comecei a sentir a sua crescente fúria ao

idealizar a realização do meu filme: - O que fazer? - Como fazer? - Que aplicações utilizar? A cada imagem recolhida, a "Nau" baloiçava, a cada palavra lançada para o telemóvel, digo para o Diário de bordo, para registar os episódios da viagem a Nau ameaçava desfazer-se... Juntamente com os meus companhons de route renomeamos o Cabo que acabamos de dobrar e seguimos com Esperança o "caminho para a Índia" com toda a "fé de um marinheiro" com larga experiência, mas "sempre em idade escolar". Confesso que esta ação foi das mais enriquecedoras que frequentei. Contribuiu para aperfeiçoar e alargar os meus conhecimentos no âmbito da utilização das novas tecnologias e, certamente, propiciará uma melhoria do meu desempenho profissional e um maior enriquecimento pessoal. Aos formadores e colegas deixo os meus agradecimentos!

*(Paulo Sérgio Silva)*

A diversidade versus racionalidade dos materiais disponibilizados, a clareza nos propósitos, a disponibilização de suportes e a sua adequação às tarefas propostas suscitaram-lhe, depois de um momento de profunda hesitação, o interesse e motivação que foram permitindo uma operacionalização do trabalho a realizar. A assunção de que uma formação eficaz de professores é um fator de vital importância na garantia de uma maior fiabilidade no processo de ensino e de aprendizagem, consubstanciado nesta formação permite-lhe considerar, por isso, que a seleção dos conteúdos desta Ação de Formação está a ser adequada e a revelar-se de grande utilidade na aplicação no campo objetivo da ação, na medida em que poderá contribuir para exercer um efeito potenciador, no processo de ensino e aprendizagem, com as realidades muito diversificadas com que nos vamos deparando no quotidiano. Palavras-chave como partilha, reflexão, dinâmica de grupo, debate, gestão de emoções, trabalhos individuais, num ambiente bem gerido, simpático e empático, podem caracterizar as estratégias, atividades e clima desenvolvidos que permitem trabalhar, com significância, os conteúdos selecionados com vista à prossecução dos objetivos propostos. Apesar de inúmeros fatores extrínsecos os professores, como se vai constatando por todas as intervenções e partilhas desempenham, apesar de tudo, as suas funções perseguindo, no seu quotidiano, a "procura incessante" da qualidade do serviço que tentam prestar à comunidade educativo. Presumo que o "Mar Tenebroso" e "O Cabo das Tormentas" já se transfiguraram na "Esperança" de chegar a "bom porto". Esta ação marca mais um ponto de reinício naquele processo, saboroso, de reinventar estratégias e materiais didáticos.

Nas minhas páginas Web, no sítio dos "pobres", ([sites.google.com](http://sites.google.com)), de apoio aos meus alunos, serão enriquecidas com materiais produzidos com as ferramentas divulgadas e trabalhadas nesta ação. A "Banda Desenhada", a título de mero exemplo, vai "fazer furor" pelas inúmeras possibilidades que oferece. Foi das ações mais enriquecedoras que frequentei/participei.... Muito grato a TODOS!

*(Nuno Limpo Faria)*

A forma como esta Ação de Formação foi estruturada (confesso!... inicialmente pareceu-me muito difícil de concretizar, até pelo meu limitado domínio das tecnologias!) tem sido, para mim, um enorme DESAFIO! Tudo é novidade, tudo obriga a um trabalho de descoberta, de desconstrução, de "desinstalação", de inúmeras tentativas... Mas o resultado tem sido muito, muito profícuo! Os recursos produzidos têm-se revelado muito originais, de grande utilidade pedagógica, refletem, sem dúvida, muito conhecimento acumulado e permitem uma "lufada de ar fresco" na sala de aula. Aos formadores



e aos meus colegas formandos, aqui fica o meu reconhecimento por este percurso tão motivador! A primeira impressão foi de algum receio, pelo facto de poder não estar à altura de tamanhos desafios! No entanto, à medida que iam surgindo e eram superados (à custa de muita persistência e ajuda!...), o receio deu lugar à curiosidade, admiração, satisfação e vontade de fazer mais e melhor, por contactar com experiências e ferramentas digitais que permitiram a produção de materiais pedagógicos únicos, a possibilidade de fazer o meu próprio "manual". Uma palavra de agradecimento aos formadores, por proporcionarem, de uma forma muito próxima, positiva e pragmática, uma experiência tão enriquecedora e aos colegas, uma palavra de reconhecimento, pela qualidade dos recursos produzidos e partilhados.

*(Laurinda Santana)*

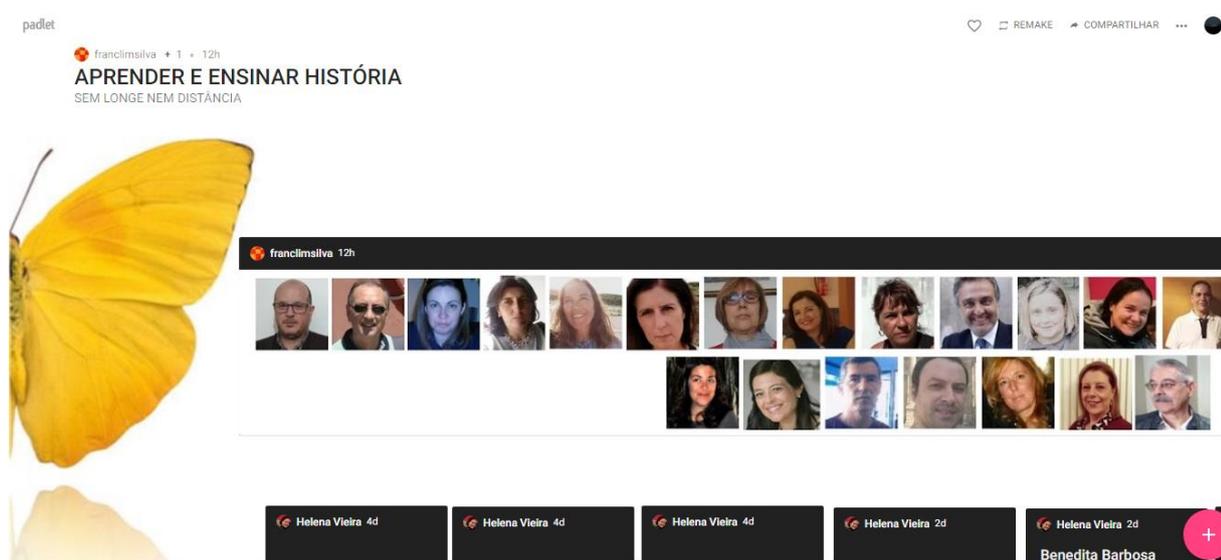
Quando tudo está dito, sobra suscitar uma questão dilemática: a da bipolaridade tensionária entre o professor produtor e o professor recoletor, no contexto da proletarização da função docente.

*(Fernando Marques Fernandes)*

# E ainda... um BigPadlet\*

Com 25 experiências de aprendizagem colegial

*Last, but not least*, disponibilizam-se os diários de aprendizagem de 25 formandos, representativos de um percurso formativo e colaborativo realizado em diferentes ações, iniciado no passado ano escolar, e que nem a pandemia Covid 19 veio afetar.



(\*) Disponível em linha em <https://padlet.com/franclimsilva/aprenderensinarhistoria>



#### **Ficha Técnica**

Título: Ozarfaxinars, n.º 90. Aprender e Ensinar História: sem longe nem distância.  
Coordenação: Elvira Rodrigues, Fernando Marques Fernandes, Franklin Silva e Helena Vieira,  
com a colaboração do Professores Doutores Rui Trindade, Luís Alberto Marques Alves e  
Cláudia Pinto Ribeiro  
Design da capa e paginação: Fernando Marques Fernandes  
Apoio técnico para a sessão por Google Meet: Pedro Sá  
Disponível em linha em [https://www.cfaematosinhos.eu/Ed\\_ozarfaxinars\\_n90.htm](https://www.cfaematosinhos.eu/Ed_ozarfaxinars_n90.htm)  
ISSN: 1645-9180